

Como falam os veículos independentes de jornalismo digital quando falam de ciência? Um estudo preliminar de três sites brasileiros¹

Helena Fernandes TOMAZ²

Verônica Soares da COSTA³

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Este trabalho é um resultado preliminar de uma pesquisa mais ampla que visa identificar e compreender a abordagem da cobertura de ciência em iniciativas de jornalismo independente digital. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com jornalistas representantes de três sites. A partir da análise das entrevistas, foi possível estabelecer três pontos centrais para compreender o lugar da ciência nos exemplares do jornalismo independente selecionados: a formação acadêmica dos jornalistas, a ciência como uma temática transversal e as diferentes percepções sobre o papel do jornalismo científico.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo independente; jornalismo digital; ciência; jornalismo científico

INTRODUÇÃO

Desde a pandemia de covid-19, a ciência tornou-se um tema central na mídia, integrando-se a editoriais como política, economia e cultura. Com o controle da pandemia e a diminuição de sua urgência midiática, questões como surtos de outras doenças, crises socioambientais e o genocídio Yanomami começaram a preencher as pautas, mantendo a ciência relevante no jornalismo. Este estudo investiga como o jornalismo digital independente aborda a ciência, propondo não se restringir a temas e temporalidades específicas. A questão norteadora parte da seguinte inquietação: como o jornalismo nativo digital, seja aquele caracterizado como jornalismo científico, ou outras editoriais que tratam das ciências em suas narrativas, apresenta questões relacionadas às ciências em suas interfaces com outros temas?

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação e suas Interdisciplinaridades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Graduada em Jornalismo pela PUC Minas, membro do Grupo Bertha de Pesquisa. Bolsista do projeto de pesquisa “Jornalismo digital e colonialidades do saber e do poder: um estudo a partir do jornalismo científico”, Edital PIBIC/PIBIT-2023/29648. helenafernandestomaz@gmail.com.

³ Professora da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas. Líder do Grupo Bertha de Pesquisa. Esta proposta é parte da pesquisa “Jornalismo digital e colonialidades do saber e do poder: um estudo a partir do jornalismo científico”, Edital PIBIC/PIBIT-2023/29648. veronicacosta@pucminas.br.

Pouco mais de uma década atrás, Massarani, Bauer e Amorim (2013) apontavam para um aumento de publicações especializadas em jornalismo científico. Incentivos governamentais e a consequente expansão da produção científica brasileira ao fim dos anos 1990 e início dos anos 2000 são elementos que explicam essa expansão, que se atrelava, inclusive, a “um sentimento de otimismo na área” (Amorim, Bauer, Massarani, 2013). Hoje, contudo, o jornalismo científico brasileiro se encontra em um outro momento: além da queda de incentivos federais, outros atores, como organizações privadas⁴ de incentivo à ciência, passaram a ter centralidade no financiamento, motivo que pode ser considerado relevante para as mais recentes mudanças no campo.

Estudos como o de Hafiz et. al, (2023, p.10) indicaram que os jornais aumentaram tanto a produção de matérias focadas em ciência nos últimos anos, quanto aumentaram o uso de estudos e de cientistas como fontes em matérias sobre a pandemia, com o objetivo de reforçar a legitimidade das informações relativas ao cenário pandêmico. Nesse sentido, vê-se uma oportunidade de revisitar o conceito de jornalismo científico (Bueno, 2009), a partir de outras formas de produção jornalística sobre ciência, conforme veremos nos relatos dos jornalistas entrevistados.

METODOLOGIA

A partir do "Mapa do Jornalismo Independente" da Agência Pública⁵, realizamos um levantamento de veículos digitais brasileiros de jornalismo independente, selecionando aqueles que estão ativos e publicando conteúdo. Incluímos veículos com uma variedade de temas, como questões de gênero (exemplificados pela *Revista AzMina e Gênero e Número*) e veículos focados em comunidades periféricas (como *Agência Mural e Nós, Mulheres da Periferia*). Coletamos informações adicionais sobre cada site, como o ano de fundação, o tema principal, produtos derivados e a presença de editorias de ciência. Com isso, compilamos uma planilha de 37 veículos. Para entender melhor as motivações por trás da cobertura, decidimos entrevistar jornalistas desses veículos, focando na maneira como abordam temas científicos.

Partimos de contatos pré-existentes e informações disponibilizadas nos sites dos veículos para entrar em contato e propor entrevistas semiestruturadas on-line e

⁴ Destaca-se aqui, por exemplo, o Instituto Serrapilheira, fundado em 2017. Mais informações em: <https://serrapilheira.org/>. Acesso em 17 abr. 2024.

⁵ Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>. Acesso em 17 abr. 2024.

síncronas a respeito da forma como a ciência é abordada, pelos mesmos motivos abordados por Hafiz et. al (2023, p.10), citados anteriormente. As entrevistas foram elaboradas com perguntas padronizadas, a serem feitas a todos os entrevistados, e também perguntas específicas, a fim de abordar características próprias de cada site. Elas também foram divididas em três partes: a primeira, a fim de checar informações dos veículos (como tamanho da equipe ou localidade em que vivem os integrantes), a segunda, a fim de coletar informações sobre os entrevistados (como cargo exercido no veículo e tempo de casa) e a terceira, com o objetivo de compreender a forma como cada portal aborda temáticas relativas à ciência. As entrevistas, então, foram transcritas e analisadas.

RESULTADOS

A partir do levantamento inicial realizado, foi possível notar, primeiramente, que poucos veículos tinham editorias dedicadas exclusivamente à ciência: dos 37 veículos listados, apenas três tinham editorias identificadas dessa forma. É importante destacar, no entanto, que a ausência de editorias exclusivas para esses temas não quer dizer que esses sites não publiquem sobre ciência. Este ponto foi reforçado nas três entrevistas com representantes dos veículos produzidas até o momento, ainda que nem sempre exatamente da mesma forma. Ana Carolina Araújo, gerente de projetos da *Revista AzMina* (revista que se dedica a cobrir pautas sobre gênero e feminismo, voltando-se, principalmente, para o cenário brasileiro), explica que, mesmo antes da criação da editoria de ciência da revista (criada no início de 2024, no período entre produzirmos o mapeamento e realizarmos a entrevista), havia o princípio editorial de que, sempre que possível, cientistas e especialistas fossem ouvidas na produção das pautas. Por se tratar de um periódico dedicado a debater questões relativas a gênero, isso foi usado, ainda, como uma ferramenta de reafirmação do espaço da mulher na ciência.

A gente sempre deu muito reforço a essa necessidade de - quando é o caso e se faz sentido em um tema - consultar pesquisadoras, pessoas especializadas e que são estudiosas de determinados temas. A gente não tem o perfil de fazer reportagens só de depoimento, mesmo que seja um caso de denúncia, mesmo que a gente tenha depoimentos fortes. A gente sempre preza por essa questão de ouvir, especificamente, mulheres [cientistas]. A gente dá, sim, essa preferência, porque as cientistas mulheres têm menos espaço, são menos ouvidas na mídia tradicional. (Araújo, 2024)

No caso da *Agência Mural*, veículo de jornalismo que cobre pautas que interessam aos moradores de favelas e periferias de São Paulo (SP), não há uma editoria dedicada à ciência. O tema, no entanto, não perpassa tantas pautas, figurando, normalmente, na editoria “Sobre-Viver”, de saúde e meio-ambiente, como reconhece Cíntia Moreira Gomes, diretora institucional:

Eu acho que essa parte de ciência entra muito mais na editoria de saúde, né? Mas depende muito, também, da sugestão de pauta. Às vezes, em alguns especiais que a gente faz, também entra. Mas não é uma coisa que a gente fala sempre, que todo mês tem uma pauta sobre esse assunto. Na pandemia a gente também usou bastante. (Gomes, 2024)

Já Moriti Neto, fundador d’*O Joio e O Trigo*, veículo que se dedica a investigar corporações privadas com foco, principalmente, em indústria alimentícia, acredita que a criação de uma editoria exclusivamente dedicada a assuntos de ciência poderia acabar por reduzir, ao invés de ampliar, o debate científico no site:

Nessa editoria [de conflitos de interesses] a ciência é o carro-chefe e em outros diálogos que a gente faz, como o colapso climático, também está lotado [de conteúdo sobre ciência]. Então a gente entendeu que essas editorias davam conta de colocar a ciência sempre como um eixo, mas sem descartar outras questões que não sejam ciência também. A gente optou por criar editorias mais amplas, que abarquem a ciência, mas não só. (Neto, 2024)

Nota-se, portanto, que cada um dos veículos entrevistados até o momento encara a relação jornalismo-ciência de uma forma diferente, demonstrando a diversidade do momento em que o jornalismo científico se encontra no momento.

No já citado raio-x dos jornalistas de ciência de Amorim, Bauer e Massarani (2013), foi apontado que, à época “Uma característica a ser destacada entre os profissionais que responderam ao questionário é a busca pelos diplomas de mestrado e doutorado” (Amorim, Bauer, Massarani, 2013, p. 124). Mais de dez anos depois, a mesma relação entre formação acadêmica e produção de jornalismo com foco em ciência foi apontada nas entrevistas realizadas. Ana Carolina Araújo, da *Revista AzMina*, quando perguntada sobre por que a ciência é vista como um tema relevante para a revista, apontou para o fato de parte significativa da equipe ter formação de pós-graduação: “o universo reuniu muitas mulheres que gostam de ciência n’*AzMina*, muita gente que faz mestrado, que faz ou fez doutorado, que gosta da pesquisa e do

ensino.” (Araújo, 2024). Da mesma forma, Moriti Neto, fundador d’*O Joio e O Trigo*, acredita que a passagem pela academia antes da fundação do site foi essencial para que a ciência passasse a ser vista como um eixo da linha editorial do veículo.

Um terceiro ponto que chama a atenção é que, dentre os veículos entrevistados até a atual etapa da pesquisa, que consideram que publicam sobre ciência consistentemente (*O Joio e O Trigo* e a *Revista AzMina*), os entrevistados expressaram visões diferentes do que seria essa produção. A diferença se assemelha à relatada por Bernardo Esteves, jornalista especializado em ciência, em publicação de 2015 na *Revista Piauí* sobre o dilema do jornalismo científico “Entre promover e fiscalizar”: “promover” seria considerar a divulgação científica como papel central do jornalismo científico. “Fiscalizar”, por sua vez, seria cobrar e questionar pesquisas e pesquisadores, para que produzam a melhor ciência possível. Nessa perspectiva, a *Revista AzMina* se volta para a divulgação científica, noticiando descobertas e pesquisas feitas por mulheres no campo acadêmico, como na recém-criada *newsletter* “Olha o que ela fez”⁶. Entendemos que essa escolha editorial, por se voltar à divulgação da ciência, justifica-se também pelo fato de se tratar de uma revista autodeclarada feminista: a divulgação científica se torna uma forma de impulsionar cientistas mulheres.

[...] às vezes, na redação cotidiana, você usa a fonte que alguém já tem o contato. Então, a nossa ideia é: quanto mais a gente estiver falando sobre a ciência feita por mulheres, mais chances a gente tem de que essas mulheres estejam falando em reportagens, em tudo quanto é lugar. (Araújo, 2024)

Por outro lado, Ana Carolina ressalta que embasar reportagens sobre direitos reprodutivos em fatos científicos serve, ainda, como uma forma de reafirmação do jornalismo feminista:

[...] de alguma forma, ir atrás de evidências científicas e de método é uma maneira que a gente tem de lembrar as pessoas que todos os jornalismo são de causa, o nosso é dessa causa específica, mas isso não quer dizer que é opinião. (Araújo, 2024)

Por outro lado, *O Joio e O Trigo* demonstra ter outro posicionamento quanto ao tratamento de ciência, voltando-se à cobrança e à vigilância da ciência. Moriti Neto explica: “Começamos a descobrir que havia conflitos de interesses, que havia estudos

⁶Newsletter de divulgação científica feita pela Revista AzMina. Mais informações em: <https://azmina.com.br/reportagens/azmina-lanca-newsletter-de-divulgacao-cientifica/>. Acesso em 18 abr. 2024.

enviesados. Então a gente começou a publicar ciência de interesse público e denunciar ciência que estava atendendo só a interesses privados”

Dessa forma, entendemos que os resultados preliminares indicam que não é possível encontrar uma única forma de publicar sobre ciência entre os veículos mapeados. Pelo contrário, à medida que crescem esses veículos, aumenta-se a pluralidade de formas de fazer jornalismo sobre ciência

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se este como um trabalho preliminar sobre a pesquisa em curso, percebemos que podem ser observados três pontos centrais no que se refere ao espaço ocupado pela ciência nos veículos independentes de jornalismo digital. O primeiro deles é a relação entre a formação acadêmica dos jornalistas que constituem as equipes dos veículos, conforme apontado em duas das três entrevistas realizadas. O segundo é o estabelecimento da ciência como uma temática transversal, que figura, muitas vezes, em pautas que não são, necessariamente, centradas em pesquisas ou avanços científicos. Por fim, nota-se que, tendo ou não a ciência como pilar da produção jornalística, cada um dos jornalistas entrevistados têm uma visão diferente da relação entre jornalismo e ciência, demonstrando a pluralidade e a abrangência em que o campo se encontra.

REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: revisitando o conceito. In: VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone. **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print Editora, 2009. pp. 157-178.

ESTEVES, Bueno. **Entre Promover e Fiscalizar**. Revista Piauí, 2015. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/entre-promover-e-fiscalizar/>. Acesso em: 17 de abril de 2024.

HAFIZ, Mariana; RIGHETTI, Sabine; GAMBA, Estêvão; ANDRADE, Fernanda Quaglio de; FLORES, Natália. **Ciência na mídia: uma proposta de classificação de informação a partir de estudo de caso sobre a Folha e o NYT no primeiro ano da pandemia**. Journal Of Science Communication - América Latina, [S.L.], v. 6, n. 01, p. 1-21, 29 maio 2023. Sissa Medialab Srl. <http://dx.doi.org/10.22323/3.06010203>. Disponível em: https://jcomal.sissa.it/article/pubid/JCOMAL_0601_2023_A03/. Acesso em: 17 abr. 2024.

MASSARANI, Luisa Medeiros; BAUER, Martin W.; AMORIM, Luís Henrique de. **Um raio X dos jornalistas de ciência: há uma nova “onda” no jornalismo científico no Brasil?** C&S – São Bernardo do Campo, v. 35, n. 1, p. 111-129, jul./dez. 2013.